

**O Abril Indígena e as *Rainhas*  
da *Aldeia***

**The Indian April and the *Queens*  
Of the *Village***

Rubelise da Cunha<sup>1</sup>

*Submetido em 1º e provado em 5 de maio  
de 2019.*

It is in our bodies – and as  
bodies – that we tell our  
stories and understand what  
it means to be Native people  
enacting decolonization and  
continuance.

Qwo-Li Driskill

No dia primeiro de abril deste ano, o **Núcleo de Estudos Canadenses da Universidade Federal do Rio Grande (NEC-FURG)** completou seus vinte anos de fundação. Também neste mês a importância das pesquisas realizadas no âmbito dos Estudos Canadenses e dos diálogos entre os contextos literários e culturais do Brasil e do Canadá foi visualizada de forma concreta e efetiva, atuante em questões cruciais das demandas de nosso país. Abril é o mês indígena no Brasil, portanto o mês que assinala as lutas de resistência por sobrevivência e soberania dos povos originários, luta também travada

pelos povos originários do Canadá.

Estudar a Literatura Indígena do Canadá sempre foi, para mim, uma ponte de retorno às minhas próprias origens. Foi partindo das narrativas indígenas do Canadá que resolvi acessar as narrativas indígenas do Brasil. Um ponto ainda maior de encontro entre os dois países foi estudar a obra do escritor, teatrólogo e músico Cree Tomson Highway nos últimos quinze anos. Encantado com a cultura brasileira, Highway vem com frequência ao Brasil e incorpora a cultura brasileira em suas obras literárias e musicais. Além disso, as questões sobre a realidade indígena do Canadá abordadas em sua obra literária, em especial em suas peças teatrais, dialogam fortemente com a realidade vivenciada pelos indígenas no Brasil, e motivaram a tradução e adaptação de sua consagrada peça teatral *The Rez Sisters* (1988) para o português brasileiro. O projeto foi inicialmente um convite de Tomson Highway ao Prof. Dr. Antonio Eduardo de Oliveira (UFRN), hoje falecido, e a mim, no ano de 2007. Em 2008, iniciamos uma primeira versão da tradução, cujo objetivo era manter o texto em português muito próximo ao contexto retratado no texto original. Com a interrupção do trabalho em

virtude da doença e posterior falecimento de meu querido amigo e colega, o projeto foi engavetado por alguns anos. Foi em 2017, ano em que pude vivenciar intensamente as Ações Afirmativas de inclusão dos alunos indígenas na FURG, que o projeto foi retomado, no entanto com uma nova significação.

Em 2017 iniciei um trabalho junto ao **Coletivo Indígena da FURG**, quando Janete Morais, acadêmica Guarani no curso de Direito e Liderança Indígena na universidade, passou a integrar como bolsista PIBIC-CNPq o Projeto de Pesquisa que coordeno **Gênero Literário e Performance: As Narrativas Indígenas e a Literatura Contemporânea no Brasil e no Canadá**. Além de realizar pesquisa sobre a Literatura Indígena Brasileira, em especial sobre autores como Olívio Jecupé, que é Guarani e recupera a tradição literária de seu povo, Janete Morais desenvolve seu trabalho de conclusão do Curso de Direito sobre a Lei Maria da Penha e a questão da violência contra a mulher indígena. Ao ouvir seus relatos sobre a vida na aldeia de Pinhalzinho e os problemas enfrentados pelas mulheres indígenas, o projeto de tradução da peça de Tomson Highway tornou-se ainda mais significativo para o

cenário brasileiro. Ao retornar ao Canadá em 2018 como Professora Visitante na Universidade de Ottawa, pude novamente trabalhar em contato direto com o escritor e realizar as tratativas para uma adaptação de sua peça ao contexto brasileiro, a fim de que possa haver uma produção teatral do texto no Brasil. Assim originou-se a tradução intitulada *As Rainhas da Aldeia*, com um primeiro rascunho desenvolvido no Canadá em 2018, e uma visita de campo na Aldeia de Pinhalzinho (Planalto, Rio Grande do Sul) em fevereiro de 2019.

A partir da atuação do Coletivo Indígena da FURG, cujas lideranças são os acadêmicos de Direito Jocemar Cadete (Kaingang) e Janete Morais (Guarani), da Aldeia de Pinhalzinho, são organizadas atividades durante o ano para a divulgação, afirmação e fortalecimento das tradições indígenas, no intuito de contribuir para um diálogo mais profícuo entre indígenas e não indígenas na universidade e na sociedade, e para o combate aos preconceitos e estereótipos difundidos pelo discurso colonial que ainda permeia nossas instâncias sociais. Neste ano, celebrando também os vinte anos do NEC-FURG, realizamos uma atividade conjunta de Abertura do Abril Indígena da FURG no dia 10 de abril,

na qual a comunidade acadêmica, com a presença do Coletivo Indígena que conta com membros da Aldeia de Pinhalzinho, teve a oportunidade de experienciar o diálogo transcultural realizado pela tradução literária. A partir da Leitura Dramática de trechos de *As Rainhas da Aldeia*, realizada pelo Projeto de Pesquisa **Leituras do Drama Contemporâneo - UFPEL**, coordenado pela Profa. Dra. Fernanda Vieira Fernandes e composto pelos acadêmicos de Artes Dramáticas Brenda Seneme, Gabryel Pioner, João Vitor e Lorena Zanetti, o público vivenciou a transcrição do universo indígena das culturas Cree e Ojibway do Canadá para o contexto brasileiro.

A experiência de traduzir *The Rez Sisters* e adaptar a peça para o contexto brasileiro tem como objetivo principal o empoderamento das mulheres indígenas e das mulheres brasileiras em geral, na luta contra a violência que vitima tantas mulheres no Brasil neste momento, fato confirmado pelo alto índice de feminicídios. Em *As Rainhas da Aldeia*, as sete mulheres indígenas da peça de Tomson Highway saem da Aldeia de Pinhalzinho (Planalto, Rio Grande do Sul), e não mais da Wasaychigan Hill Indian Reserve

(Manitoulin Island, Ontario), em sua *road trip* para participarem do MAIOR BINGO DO MUNDO, localizado nesta versão brasileira no Rio de Janeiro, e não em Toronto. Apesar da mudança de cenário, os dramas relatados pelas personagens e o humor característico da cultura indígena e da vida na aldeia ressoam sem necessidade de adaptação na vida das mulheres indígenas de nosso país, assim como se espelham os mesmos sonhos e esperanças projetados na vitória representada pelo grande prêmio do bingo, a grande chance de virada na roda da fortuna da vida. Do norte ao sul das Américas, do Canadá ao Brasil, a força da ancestralidade representada pelo mundo mítico, e pela figura do *trickster*, que em suas metamorfoses sobrevive e se renova, é o ponto central de vitória na peça teatral e nas vidas das mulheres indígenas que se fortalecem em sua cultura e comunidade, denunciam os crimes aos quais são vitimadas e resistem diariamente desde tempos imemoriais.

O escritor, ativista e performer Cherokee Qwo-Li Driskill reconhece as origens do teatro na contação de histórias e o papel que o teatro exerce para os povos originários no delicado trabalho de “suturar as feridas da história” (p. 155). Em meu

trabalho como tradutora da peça teatral, tenho em mente as ideias de Driskill sobre a importância de falar de suas próprias feridas como parte da transformação social. O corpo torna-se, então, um lugar central de cura e resistência, sendo a colonização uma ferida sinestésica, e o Teatro Indígena um espaço de cura sinestésica (p. 155). Se a prática do teatro constitui uma performance cerimonial, um ritual no qual atores e público se engajam num processo de cura e descolonização (CUNHA, 2009, p. 178), esse objetivo foi atingido na primeira experiência de Leitura Dramática de *As Rainhas da Aldeia*. Após a performance de leitura, atores e o público presente, que incluía também

os indígenas da Aldeia de Pinhalzinho, puderam dialogar com o texto traduzido e a experiência ritualística vivenciada. Além disso, a Leitura Dramática foi transmitida ao vivo pela Rádio Tamandaré e divulgada no Facebook pela própria rádio, NEC-FURG, Leituras do Drama Contemporâneo UFPEL, e professores e alunos presentes no evento, possibilitando a continuidade do diálogo posteriormente. Teoria e prática aliadas na experiência coletiva, confirmando as ideias de Driskill de que, através do teatro, podemos sentir o que significam descolonização e cura, já que o teatro nos possibilita compreender nosso passado histórico, contar nossas histórias e imaginar nossos futuros (p. 155).



Abertura do Abril Indígena da FURG com a Pró-Reitora de Assuntos Estudantis, Daiane Gautério, e as lideranças do Coletivo Indígena: Jocemar Cadete (Kaingang) e Janete Morais (Guarani). 10 de abril de 2019. Foto: Pedro Gustavo Moreira



Abertura do Abril Indígena da FURG. 10 de abril de 2019.  
Foto: Aline Castaman



Leitura Dramática de *As Rainhas da Aldeia* com Fernanda Vieira Fernandes, João Vitor, Lorena Zanetti, Brenda Seneme e Gabryel Pioner. 10 de abril de 2019.

Foto: Aline Castaman

## Referências:

CUNHA, Rubelise da. 'The Unending Appetite for Stories': Genre Theory, Indigenous Theatre and Tomson Highway's 'Rez Cycle'. *The Canadian Journal of Native Studies* XXIX, 1&2 (2009):165-182.

DRISKILL, Qwo-Li. Theatre as Suture: Grassroots Performance, Decolonization and Healing. In: Hulan, Renée; Eigenbrod, Renate. *Aboriginal Oral Traditions: Theory, Practice, Ethics*. Winnipeg: Fernwood, 2008.

HIGHWAY, Tomson. *The rez sisters*. Calgary: Fifth House, 1988.

## Notas

<sup>1</sup> Coordenadora do Núcleo de Estudos Canadenses (NEC-FURG), Professora Associada de Literaturas de Língua Inglesa (Instituto de Letras e Artes - FURG). rubelisecunha@furg.br.